

# SOBRE O AUTOR

---

Por William Soares dos Santos

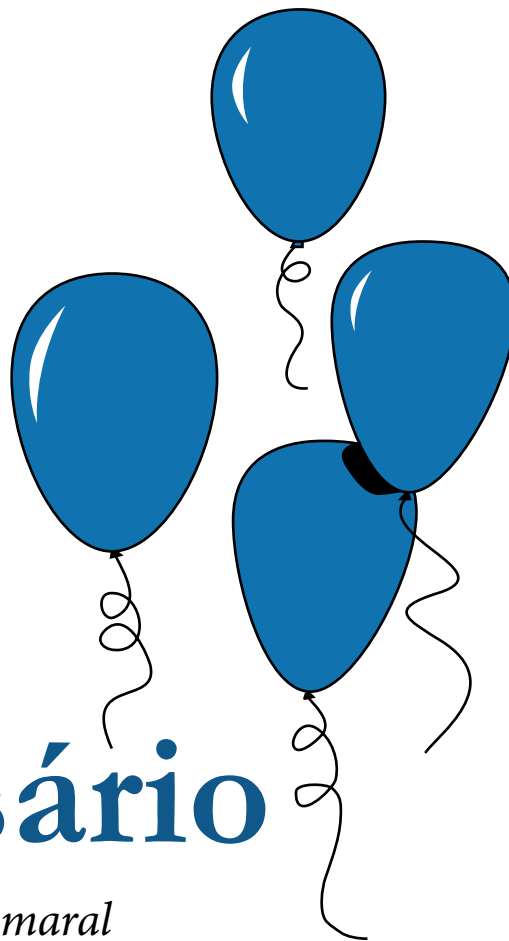
**José Ribeiro do Amaral** é, antes de tudo, um exemplo para todos nós. Septuagenário, está terminando o curso de Letras Português-Literaturas e é um dos membros mais ativos da oficina. Com sua leitura atenta, ele sempre nos prouve de reflexões pertinentes sobre a produção de seus colegas. Sua escrita é marcada por um caráter fortemente memorialista. Lendo os seus textos me lembro muito da produção de contos de Liev Tólstoi. Em ambos, tão ou mais importante quanto o enredo é a descrição dos movimentos de seus personagens, que desvelam minúcias sobre a existência humana, nem sempre tão claras para seus leitores, gerando um estranhamento como se estivéssemos contemplando algo pela primeira vez.

**Sobre o seu conto:** em “Aniversário” temos a narrativa de uma festa de aniversário de uma mulher octogenária. Em sua descrição, o autor resgata sutilezas presentes em um evento em que diferentes pessoas, com seus distintos comportamentos e interesses comparecem e, em última instância, nos chama atenção para a fragilidade da existência humana, sempre em suspensão.



**JOSÉ RIBEIRO**  
DO AMARAL

# [06]



## Aniversário

*José Ribeiro do Amaral*

**D**ona Jandira, ao completar mais um ano de vida, gostaria de relembrar os bons tempos de sua infância, quando tudo era fantasia. Aos oitenta e seis anos de uma vida alegre, ela resolveu comemorar mais uma primavera fora do seu domicílio e, para isso, convida os amigos do bairro.

A família, pouco a pouco, veio chegando e a cada um é dado um tratamento especial. Afinal, tudo era festa. Essa comemoração se deu em Ipanema, por ser um bairro tradicional da cidade do Rio de Janeiro. Ali se encontra um casarão muito antigo, onde as famílias do tempo do império gostavam de comemorar seus dias gloriosos e aproveitavam para assistir algumas peças, uma vez que o teatro era a diversão preferida daquele tempo.

Os convidados estavam bem trajados. Os amigos surgiram de vários bairros do Rio de Janeiro e se apresentavam eufóricos. Pois a festa era também uma oportunidade para encontrar velhos conhecidos e abraçá-los. O descontentamento ficou por conta da ausência do marido que, por razões ignoradas, ainda não havia chegado.

Dona Jandira teve filhos e muitos netos que iam com suas roupas de festa. Ternos e vestidos com plumas e paetês. Era o costume naquelas festas tradicionais. A dona da festa apresentava a filha, com quem morava. Depois de cumprimentar a todos, teve início as atividades. As duas meninas, já de seios apontados, desfilavam com seus irmãos. Com estilo, desfilavam e exibiam os melhores vestidos enfeitados com babados e anáguas engomadas, como era tradição daquela época. Um dos meninos estava acovardado, ainda que trouxesse a gravata exuberante.

Tudo pronto: as cadeiras foram dispostas ao longo da parede para que os convidados se sentissem à vontade e houvesse espaço para as pessoas dançarem. Os meninos de cabelos lisos e bem penteados não sabiam que decisão tomar e, por isso, se juntaram à família. Depois, veio a nora com dois netos e a “babá”. O marido viria depois. Ela tinha seis irmãos homens. Tudo estava decidido há meses. Ali era um lugar propício, pois tinha espaço para alojar a todos.

Dona Zilda estava na cozinha, junto à secretária e assim, começaram a dispor os croquetes e sanduíches que fartavam a todos. Ciosa e bem uniformizada, a babá cuidava da recepção até que chegasse a hora dos parabéns. Dona Jandira, a dona da festa, arrumava a mesa bem cedo, enchera-a de guardanapos coloridos e copos finos alusivos à data. Espalharam os balões pelo teto e em alguns estava escrito “Happy birthday” e em outros “Feliz aniversário”.

No centro, havia uma mesa enorme. De, aproximadamente, dezesseis metros quadrados. Imaginem o público ali. Foi disposto um enorme bolo açucarado e, como de costume, velas para enfatizar a festa. No centro do bolo estava cravado o número 86.

E, para adiantar o expediente, enfeitaram a mesa logo após o almoço que fora blindado com bebidas finas: coquetéis, licor e vinhos famosos vindo de Paris para engrandecer o ambiente. As cadeiras já estavam encostadas na parede para liberar espaço.

Mandaram as crianças brincarem no jardim, pois, assim, não desarrumavam a mesa. E, para adiantar o expediente, vestiram a “noiva” logo depois do almoço. Puseram seus brincos de ouro de vinte e dois quilates e, ainda, uma presilha em torno de seu pescoço e um broche de marca famosa. Enquanto isso, borrifaram-lhe vários jatos de água de colônia, perfume caro e famoso nesse período.

Desde as catorze horas, a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa. E, de vez em quando, vinha-lhe aquela angústia muda com o voo das moscas em torno do bolo super doce. Após a distribuição dos presentes, seu marido, o Senhor Francisco, também já idoso, afastou-se do recinto e, ao retornar, o garçom ofereceu-lhe um delicioso pedaço de bolo. “Não! Perdoe-me, por favor. Não quero ser imprudente. É que sou diabético. Só queria ter o dia e deixar a ‘Tia-Bete’ com a euforia desse grande evento”.



